



Mario Vitorino: testemunho e contribuição teológica no século IV

*Marius Victorinus:
Witness and theological contribution in the 4th century*

Márcio Feliciano Simões

Resumo

O período patrístico foi de grande importância não apenas para a defesa do Cristianismo, mas também para seu robustecimento. O quarto século talvez possa ser considerado como responsável pelo início da estruturação da expansão da Igreja e de sua consolidação doutrinária-dogmática. Tendo por alvo a definição do que se vivia ou compreendia no âmbito da fé, muitos filósofos, pensadores, e teólogos se arriscavam nesta seara. Neste sentido, este artigo tem por objeto explorar as informações biográficas de Mario Vitorino (Victorinus Afer), evidenciar suas contribuições em temas muito caros à história da Igreja e abordar reflexões dogmáticas que se fizeram presentes ou que tiveram seu ápice nas discussões dos dois primeiros concílios ecumênicos. Ex-pagão, mesmo que protagonista de um caminho de conversão em um período que o Cristianismo se vê reconhecido como religião oficial e não mais marginal, seu ímpeto apologético foi o sinal mais marcante de sua trajetória, sobretudo na discussão em busca da definição da consubstancialidade entre Cristo e o Pai.

Palavras-chave: Mario Vitorino. Concílio. Arianismo. Consubstancial. Dogma.

Abstract

The patristic period was of great importance not only for the defense of Christianity, but also for its robustness. With the aim of defining what was lived or understood with regards to faith, many philosophers, thinkers, and theologians endeavored in this field and the fourth century may be possibly responsible for the

beginning of the structuring of the expansion of the Church and its doctrinal-dogmatic consolidation. In this sense, this article aims at exploring the biographical information of Marius Victorinus (Victorinus Afer), make evident his contributions on themes very dear to the history of the Church, and address dogmatic reflections that were present or that had their climax during the discussions of the first two ecumenical councils. As an ex-pagan, albeit protagonist of a path of conversion in a period when Christianity was recognized as an official religion and no longer a marginal one, his apologetic impetus was the most remarkable sign of his trajectory, especially amid the discussion in search of the definition of the consubstantiality between Christ and the Father.

Keywords: Marius Victorinus. Council. Arianism. Consubstantial. Dogma.

Introdução

Mario Vitorino certamente gozava de grande estima em sua época, mas ao consultar literaturas afins, a dificuldade em obter registros que lhe citem denota ser pouco lembrado, talvez pouco estudado e, por vezes, referenciado apenas como coadjuvante de seu período. Neste sentido, é possível justificar esta escassez em decorrência de sua “intensa obscuridade em tratar assuntos teológicos, mas também pela dificuldade nas traduções, visto se utilizar de uma terminologia ‘técnica’ em latim que não existia até então”.¹ Releva-se também o fato de que a questão da suposta obscuridade seria uma característica natural dos copistas (uma de suas atribuições), pelo fato de ser relativamente comum não terem clara compreensão do que estavam escrevendo.

Outra linha de pensamento quanto ao esquecimento passa pela suposição de que tenha sido em decorrência de sua posição intermediária entre o paganismo e o cristianismo, conseqüentemente com estudos retóricos e gramaticais de um lado, traduções de alguns livros de filosofia platônica e estudos teológicos de outro. Também pela conversão tardia ao cristianismo, restando-lhe pouco tempo para uma produção literária mais volumosa.

O fato é que, dentre os ‘Pais da Igreja’ dos primeiros séculos, sejam escritores leigos, sacerdotes ou bispos, Mario Vitorino não é encontrado nesta lista. Contudo, o contexto de sua época e as situações que compuseram sua caminhada intelectual e de fé podem assegurar uma bela e substancial contribuição para a vida e história da Igreja e, até mesmo, para a sua doutrina.

¹ MORESCHINI, C.; TOMMASI, C. O., p. 112.

Destaca-se que a

Patrologia atribui o nome de ‘Padres da Igreja’ a um certo número de autores cristãos cuja autoridade se baseia em quatro critérios: ortodoxia doutrinária, santidade de vida, reconhecimento por parte da Igreja, mesmo que indireto e antiguidade. (...) A preocupação dos Padres da Igreja pela ortodoxia da fé não era meramente doutrinária, uma vez que zelavam, igualmente, por uma ortopraxia, (...) alguém que espelhou na sua vida os ensinamentos que transmitia. Os Padres da Igreja uniam a doutrina à santidade de vida, uma santidade publicamente reconhecida pela Igreja”.²

Sem estabelecer juízo quanto a seu reconhecimento ou não, objetiva-se apresentar o que se pode extrair da biografia disponível³ e, eventualmente, confrontar à luz destes critérios de conceituação.

1. Contextualização do Século IV

Foi apenas no século III que a literatura cristã se desenvolveu. Ao converter em textos o que as comunidades acreditavam, no que depositavam sua fé, as interpretações e opiniões distintas irão concorrer e conflitar até que se tornem concepções conclusivas. Contudo, a história da Igreja contará com um percurso de muita turbulência em meio ao desenvolvimento de suas formulações dogmáticas.

No início do século IV, em 303 d.C, o Imperador Diocleciano decreta a mais sangrenta perseguição aos cristãos⁴. Uma década depois, no ano 313, acontece a promulgação do Edito de Milão. Neste, Constantino I determina a neutralidade em relação ao credo religioso, porém permite a manifestação pública da fé cristã em todo o Império Romano. Ao sair da clandestinidade e cessadas as perseguições, a história dogmática da Igreja vê terreno fértil para tomar forma.

Importante se faz conceituar a palavra HERESIA, a qual tem sua etimologia derivada do latim *haereticus* e cuja compreensão está relacionada à idéia de tomar

² VERDETE, C., História da Igreja, p. 91.

³ Importa considerar que, apesar de ter seu nome e recortes biográficos disponíveis em diversos livros relacionados à história da Igreja e/ou patrística, de certa forma são relativamente repetitivos entre si e remetem a uma ou duas fontes primárias. Dentre a bibliografia citada neste estudo, o “Mario Vittorino – Opere Teologiche” parece ter sido a primeira versão em língua latina oriunda da fonte primária.

⁴ Com Diocleciano (284-305 d.C), produz-se uma série de perseguições e assassinatos de cristãos. Os cristãos eram numerosos e se recusavam a servir no exército, a fazer sacrifícios públicos e a cultuar o imperador. O imperador proíbe as reuniões e os cultos dos cristãos, recolhe seus livros litúrgicos e demole suas igrejas. (BOGAZ, A. S., et al., Patrística, p. 34).

uma decisão no pensamento e/ou agir por conta própria em relação a uma ordem ou conceitos estabelecidos. Assim sendo, é entendida como uma posição, pensamento ou ação controversos, conflitantes com um princípio pré-estabelecido.

Se em tempo hodierno tem-se a conotação de traição ou blasfêmia, é possível considerar que, face às considerações anteriores e, não obstante as dificuldades e tendências cismáticas que ocorreram, este período tenha sido de fundamental importância para o que hoje se tem em plena maturidade e precisão. Foi característica deste período a existência de escritos de filósofos e teólogos em defesa ou contradição, dentre os quais Vitorino teve contribuição conceitual-interpretativa.

Enquanto instância máxima e definitiva, os concílios ecumênicos foram determinantes para a ‘versão final’, ao evidenciar o Primeiro Concílio de Niceia (325 d.C) e o Primeiro Concílio de Constantinopla (381 d.C). As motivações e resoluções destes concílios, apesar de não ser objeto deste trabalho, serão melhor consideradas de forma parcial na contextualização de tópicos posteriores.

Algumas circunstâncias político religiosas do período influenciaram as obras de Vitorino:⁵

- i. “O imperador, como o próprio Constantino, não era a favor de uma concepção trinitária que pudesse parecer semelhante ao politeísmo e, portanto, de acordo com alguns estudiosos, influenciar negativamente a concepção protobizantina do único imperador na terra como correspondendo ao único Deus no céu”;⁶
- ii. Ário, cujo nome dá origem à heresia que mais atormentará este período, o arianismo, tinha qualidades argumentativas e mesmo quando foi condenado e excomungado como herético num sínodo local (Alexandria, 318 d.C), não aceitou e conseguiu apoio substancial no Oriente;
- iii. Em 339, Eusébio de Nicomédia, ariano confesso e apoiador da recusa à excomunhão de Ário, é feito bispo de Constantinopla e torna-se um dos chefes mais poderosos da Igreja;
- iv. Após a morte de Constantino (337), as tendências favoráveis ao arianismo recuperaram força;
- v. Atanásio de Alexandria (295-373), considerado o maior adversário de Ário, foi exilado em 356 e em seu lugar foi empossado o diácono Félix, consagrado por três bispos partidários do arianismo.

⁵ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O., p. 112.

⁶ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O., p. 82.

2. Vida e Obras

Mario Vitorino foi um gramático, retórico, filósofo e teólogo do século IV, nascido na África (razão de ser chamado Afer) por volta do ano 290 d.C. Em busca de sua profissão de professor de retórica, migrou para Roma. Erudito, possuidor de vasta doutrina e experiência em todas as disciplinas liberais, discutiu e ilustrou muitas obras filosóficas, tendo sido inclusive professor de muitos nobres senadores. Como distinção pelo seu esplêndido ensino, alcançou popularidade tamanha que teve o mérito e honra de ter erguida uma estátua sua no foro romano, um privilégio extraordinário. Os detalhes sobre sua vida vêm quase inteiramente de Jerônimo ou Agostinho, muitos dos quais decorrentes da interpretação de suas obras. Jerônimo faz a seguinte ressalva: “Vitorino, o retórico, e meu professor Donato são famosos em Roma, e Vitorino também teve a honra de uma estátua no fórum de Trajano”.⁷

Quanto à conversão de Vitorino, Agostinho e Jerônimo concordam em dizer que ele já era um homem idoso na época de sua conversão, que deve ser datada entre 353 e 359 d.C. Agostinho, que se viu pessoalmente impressionado e influenciado por seu testemunho de conversão,⁸ destaca que foram os estudos zelosos das Escrituras e da literatura cristã que o teriam convencido. Por sua vez, uma aparente relutância inicial em inscrever-se na comunidade cristã foi compensada posteriormente quando de sua insistência em tornar sua profissão de fé mais pública possível. Passou a dedicar seus talentos à defesa da fé católica e dedicar-se ao avanço do aprendizado cristão, à erudição que acumulara em seus dias pagãos. Tendo características neoplatônicas em sua teologia, aplicou muitos princípios da filosofia plotiniana à elucidação dos mistérios cristãos, um diferencial nem sempre bem compreendido.

Defensor do pensamento de Tertuliano⁹ e de cuja antropologia toma por base o Concílio de Niceia, tornou-se defensor da ortodoxia nicena, valendo-se da hermenêutica para defender a fé contra os arianos. Sua adesão à Igreja, recebida com alegria pelos cristãos de Roma, não fez com que Vitorino abandonasse a profissão.¹⁰

⁷ Jerônimo. *Chronicon* 3270 apud MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O., p. 78.

⁸ Neste sentido, a principal fonte de informação sobre Vitorino é o oitavo livro das Confissões de Agostinho. Essa narrativa é detalhada mais adiante neste trabalho.

⁹ Africano, Tertuliano, inaugura a literatura cristã em língua latina entre o final do segundo e o início do terceiro século. Com ele tem início uma teologia nesta língua. Em Cartago, nos finais do século II, de pais e de professores pagãos, recebeu uma sólida formação retórica, filosófica, jurídica e histórica. Depois, converteu-se ao cristianismo, atraído como parece pelo exemplo dos mártires cristãos. Começou a publicar os seus escritos mais famosos em 197. (BENTO XVI, PP. Audiência Geral de 30 de maio 2007).

¹⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 5, 10.

Continuou a lecionar até que o edito de Juliano, o Apóstata,¹¹ decretou a proibição dos cristãos em ensinar literatura, fato que o levou a fechar sua escola e se aposentar. Agostinho, em seu diálogo oracional com Deus, ressalta a nobreza dessa decisão: “Vitorino aceitou a imposição e preferiu renunciar à escola de parolagem em favor da tua Palavra”.¹²

Além de suas atividades como professor, foi autor-copista, tendo escrito ou traduzido muitas obras. Antes de sua conversão, suas obras se concentravam no campo gramatical e filosófico: comentários às obras de Cícero e Aristóteles, traduções de Aristóteles, Porfírio e Plotino. Três obras escritas antes de sua conversão ainda existem: *Liber de Definitionibus* (acredita-se que este tratado seria dele e não de Boécio, a quem fora atribuído); um comentário sobre *De Inventione* de Cícero; e *Ars grammatica*, um tratado de gramática. As obras do mesmo período que pereceram são: um tratado de lógica, *De syllogismis hypotheticis*; comentários sobre *Topica* e *Dialogues*, ambos de Cícero; uma tradução e comentário sobre *Categorie* de Aristóteles; uma tradução de *De interpretatione* do mesmo autor; traduções de *Isagoge* de Porfírio e obras de outros neoplatônicos.

No período pós conversão, concentra seus escritos sobretudo na questão antiariana. Desse modo, sua obra teológica, provavelmente escrita entre 356 e 363 d.C (ano provável de sua morte), inicia com três epístolas curtas que constituem o *Opus ad Candidum*.¹³

- i. *Candidi Arriani ad Marium Victorinum Rhetorem de Generatione Divina*;
- ii. *Marii Vitorini Rhetoris Urbis Romae ad Candidum Arrianum*;
- iii. *Candidi Epistula ad Marium Victorinum*.

Estes seriam uma espécie de dossiê epistolar entre o ariano Cândido e Vitorino. No entanto, segundo a maioria dos estudiosos, Cândido, que atua como interlocutor, não passaria de uma ficção literária do próprio Vitorino que, como bom retórico, se utiliza deste formato dialético para melhor apresentar a discussão e, portanto, seu ponto de vista contra possíveis contestações da concepção ariana.

Segue, com quatro livros *Adversus Arium*:

- i. *Liber primus de Trinitate (pars prior / pars posterior)*;
- ii. *Liber Secundus – Quod trinitas homoousios sit*;

¹¹ Com o imperador Juliano (361-363), que logo depois de assumir o governo declarou-se abertamente pelos antigos deuses e por isso recebeu por parte dos cristãos a alcunha de ‘apóstata’, teve um curto renascimento da antiga fé nos deuses. (DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 208).

¹² AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 5, 10.

¹³ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O., p. 10.

- iii. *Liber Tertius – De homoousios contra haereticos;*
- iv. *Liber Quartus – De homoousio.*

Na mesma sequência lógica, escreveu também o tratado *De homoousio recipiendo*, dedicado àqueles que em anos anteriores, embora não arianos, ainda hesitavam em aceitar a doutrina sancionada no Concílio de Nicéia.

Contemporâneos a estes escritos, três hinos - *Hymni de Trinitate (Adesto; Miserere Domine; Deus Dominus)* - em prosa rítmica e estrofes intercaladas com um refrão. Enquadrados nas obras antiarianas, consiste de orações destinadas a elucidar as relações da Trindade. Segundo Simonetti, os hinos seriam de argumentação “doutrinal, sendo o terceiro acentuadamente neoplatônico” quanto à sua temática.¹⁴

Após 362 d.C, escreve uma série de comentários às cartas de Paulo: Efésios, Gálatas, Filipenses, Romanos e 1 e 2 Coríntios. Simonetti destaca que Vitorino foi o primeiro a comentar Paulo, em latim, e que há, nessa série, características de sempre iniciar com uma introdução explicativa quanto à ocasião e conteúdo. Registra também o fato de que ele se utiliza do processo de interpretação literal dos textos, não a alegórica, mais cara aos gregos.

Há dúvidas quanto à autoria dos seguintes escritos:

- i. *De verbis scripture;*
- ii. *Factum est vespere et mane dies unus;*
- iii. *Liber ad Iustinum Manichaeum;*
- iv. *De physicis.*

Moreschini e Tommasi, ao comentarem sua obra teológica, citam:¹⁵

Ancorado, por sua formação, na filosofia contemporânea, e mais precisamente no neoplatonismo plotiniano e também no de Porfírio, mais difundido no Ocidente, por esta singularidade Vitorino parece ser um escritor separado das grandes correntes teológicas do antigo cristianismo, apesar do fato de que ele participou com não menos empenho do que outros nos eventos da controvérsia ariana de seu tempo. (...) Ele foi, além de uma das vozes mais originais (...), um teólogo fino e perspicaz, capaz de dar uma definição clara e precisa do problema da heresia ariana e propor uma interpretação ortodoxa de alguns dos conceitos mais espinhosos da cristologia debatidos durante o século IV. Ao mesmo tempo, ele é capaz de explicar em termos filosóficos as pedras angulares da fé cristã, emparelhando a criação com a geração do *Logos*, o pecado

¹⁴ SIMONETTI, M., Mario Vitorino, p. 891-892.

¹⁵ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O, p. 10.

original com a queda da alma, o *Logos* com o homem universal, a fé com o conhecimento.

2.1. A conversão de Mario Vitorino

Antes mesmo de detalhar o processo de conversão de Vitorino, faz-se necessário recordar que sua condição como pagão há de ser contextualizada à época. Entre períodos de tréguas e perseguições quanto ao culto, sobretudo do cristianismo, o paganismo tinha posições muito sólidas, baseado na mitologia greco-romana com o culto a muitos deuses. Assumir-se cristão, monoteísta, certamente não era a tarefa mais fácil e, indubitavelmente, não o foi para Vitorino. Pode-se imaginar, inclusive, que a questão da profissão de fé (seja negar, mudar ou assumir a fé) não era uma decisão simplória, basta lembrar que data de meados do século III o registro da questão dos *Lapsi*,¹⁶ apóstatas ou cristãos que renegaram sua fé durante as perseguições e que decidiam posteriormente voltar à anterior.

Além de ter sido pagão, até por volta de seus 65-70 anos, Mario Vitorino teria sido adepto dos “cultos dos mistérios”,¹⁷ de modo que importa registrar, em destaque, a forma como se deu sua conversão. Ressalta-se ter ocorrido antes da composição de seus escritos cristãos, portanto antes de 358 d.C, e após a ereção da estátua em sua homenagem (354), dado que seria “impossível, em um ambiente pagão como o de Roma, a construção de uma estátua de uma pessoa viva após sua conversão ao cristianismo”.¹⁸

Ainda referenciando a obra organizada por Moreschini, podemos compreender a amplitude de seu desafio em mudar o *status quo*:

De acordo com sua meditação filosófica e com o platonismo de que veio, ele insistia em um tipo intelectual de fé, que se realizava no homem, por meio do conhecimento correto de Deus; nele a salvação foi resolvida. Portanto, não havia necessidade de participar dos mistérios dos cristãos para ser assim.¹⁹

¹⁶ Para mais informações a respeito dos *Lapsi*, consultar sobre o Concílio de Cartago (251).

¹⁷ Os “mistérios” foram crenças essencialmente politeístas; pretendia estabelecer conexão com divindades dedicadas a garantir realização pessoal após a morte. Os cultos de mistério poderiam ser organizações privadas das quais participavam aqueles que não se identificavam com a estrutura política e social da cidade, em que somente seus membros conheciam os ritos. (MACIEL, S. F., Cultos de mistérios no protreptico de CLEMENTE DE ALEXANDRIA, p. 221-244).

¹⁸ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O, p. 80.

¹⁹ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O, p. 80.

O trecho narrado por Santo Agostinho possibilita ser mais preciso na exposição e compreensão do transcórre:

Simpliciano evocou todas as lembranças que tinha do próprio Vitorino, a quem conhecera intimamente (...) em Roma. (...) Conta que Vitorino lia a Sagrada Escritura e estudava e meditava com profunda atenção todos os escritos cristãos e confiava a Simpliciano, não em público, mas em grande segredo e na intimidade: “Sabes que já sou cristão”? Respondia-lhe Simpliciano: “Não acredito, e não te considerarei entre os cristãos enquanto não te vir na Igreja de Cristo”. Vitorino replicava-lhe, sorrindo: “Mas então, as paredes das igrejas é que nos fazem cristãos”? E repetia muitas vezes que era cristão.²⁰

Esta frase: “as paredes que nos fazem cristãos”, se confrontada com a segurança em autoproclamar “sou cristão”, inquietava Simpliciano. Na realidade, Vitorino não queria causar desgosto e gerar inimizade com seus amigos que ainda professavam fé em outros deuses. Entretanto, sua reflexão o fez temer ser negado por Cristo já que receava confessá-lo diante dos homens. Continua Agostinho:

Sentiu-se culpado de grave crime por envergonhar-se dos sagrados mistérios de humildade do teu Verbo, e não se envergonhar dos ritos sacrílegos dos soberbos demônios que ele, em sua soberba, aceitara imitar. Perdendo todo o receio humano diante da mentira e corando diante da verdade, disse inopinadamente ao amigo, como conta Simpliciano: ‘Vamos à igreja, quero tornar-me cristão’.²¹

À época, era habitual professar publicamente a fé quando concluído o processo de catequese. Contudo, receosos das consequências possíveis desta exposição, foi oferecido a que fizesse em ambiente restrito. Eis a grande surpresa e passo grandioso de Vitorino na fé:

Mas ele preferiu confessar sua salvação diante do povo santo, uma vez que havia professado publicamente a retórica, que não ensinava a salvação. Se não se envergonhara das próprias palavras diante das multidões de insensatos, muito menos deveria envergonhar-se ao pronunciar palavras tuas diante do teu humilde rebanho. Assim, quando subiu à tribuna para recitar a fórmula, todos os que o conheciam o aplaudiam gritando seu nome. E quem não o conhecia? Ressoou pela boca de todos um alegre murmúrio: ‘Vitorino, Vitorino’! Logo

²⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 2, 4.

²¹ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 2, 4.

que o viram, o aclamaram com alegria; e logo emudeceram para ouvi-lo com atenção. Ele proclamou sua verdadeira fé com admirável segurança.²²

2.2. A influência na conversão de Agostinho

Como passar despercebido pelo nome de uma pessoa que seja citada tantas vezes na obra do tão conhecido e lido Agostinho? Façamos juz, portanto, com uma pequena parte da história deste santo.

Agostinho, em seu processo de inquietude, consciente da misericórdia do Senhor, mas incapaz de assumir uma vida nova, dirige-se a Simpliciano, ávido por uma orientação que, como ele mesmo cita, o fizesse deixar de hesitar e livrar-se dos labirintos de seus erros. Tendo confessado ler textos traduzidos para o latim por Vitorino, Agostinho ouve Simpliciano rememorar aquele que viria a ser referencial para sua tomada de decisão de “seguir Cristo em sua humildade”. Cumpre seu compromisso de não guardar silêncio do que lhe foi apresentado, e demonstra exata compreensão das características ao descrever:

Esse ancião, de erudição grande e profundo conhecedor de todas as disciplinas liberais, tinha lido e meditado um número extraordinário de obras de filósofos, e tinha sido preceptor de muitos senadores ilustres. Pelos méritos conquistados em sua brilhante carreira de ensino, recebeu uma estátua no fórum romano, fato este que os cidadãos deste mundo consideram grande honra. Havia, até então, participado da adoração aos ídolos e de seu culto sacrílego, pelo qual se entusiasmava quase toda a nobreza romana (...).O velho Vitorino, que por tantos anos as defendera [divindades] com eloquência impressionante, não se acanhou de tornar-se servo do teu Cristo e criança na tua fonte, dobrando a cabeça ao jugo da humildade e inclinando a fronte diante do opróbrio da cruz.²³

Agostinho tem consciência do passado devastador de Vitorino, mas também de seu processo de decisão, conversão e testemunho. Sim, é importante citar o testemunho de Vitorino, pois moveu Agostinho. Em seu diálogo com o Senhor, modo como escreve a obra *Confissões*, louva a Deus a “conversão de um só pecador” e como que em um processo de digressão, claramente se reconhecendo em condição similar à de Vitorino, porém sem a mesma capacidade de tomar decisão, exclamará:

²² AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 2, 5.

²³ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 2, 3.

Vamos, Senhor, age, desperta-nos, convoca-nos, inflama-nos e arrebatá-nos, enche-nos de fogo e doçura! Amemos! Corramos! Não são muitos os que voltam a ti, saindo de um abismo de cegueira mais profundo que o de Vitorino, e se aproximam de ti e são iluminados pela tua luz, pela qual recebem o poder de se tornarem filhos teus? (...) O inimigo domina com mais força os orgulhosos mediante seus títulos de nobreza e, por intermédio destes, muitos outros em nome da autoridade. Ora, quanto mais se imaginava o coração de Vitorino como reduto inexpugnável, ocupado pelo demônio, e sua língua como forte e acerado dardo a causar a morte de muitos, tanto mais devem ter exultado os teus filhos ao verem nosso rei aprisionar o forte, purificar-lhe os utensílios, tornando-os aptos para louvar e servir ao ‘Senhor em toda boa obra’.²⁴

Relata inclusive seu passo decisivo: “Logo que teu servo Simpliciano me contou esses fatos sobre Vitorino, senti imenso desejo de imitá-lo.”²⁵

Agostinho era um homem sábio, de intimidade oracional, conhecedor da Palavra de Deus, mas também de suas mazelas e dificuldade em abrir mão de valores os quais por tanto tempo o guiaram. Não há do que atribuir apenas à história de conversão de Vitorino o êxito na reflexão e decisão de Agostinho, mas suas palavras verbalizadas demonstram com clareza o peso que tiveram neste processo metanoico.

3. Mario Vitorino e o Arianismo

A questão da divindade do Filho ocupará praticamente todo o século IV. Definida por Ário, o arianismo é uma heresia que a Igreja precisou enfrentar por longas décadas para sustentar suas bases da fé. Já que questionava o próprio mistério de Cristo, gerou tamanha preocupação que provocou a convocação do que se tornaria o primeiro concílio ecumênico da Igreja, acontecido em Nicéia, no ano 325 d.C. Vitorino não teve participação neste momento, mas tão logo após sua conversão, seus primeiros escritos se ocuparam em contrapor conceitualmente na defesa da fé.

²⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 4, 9.

²⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, Livro VIII, 5, 10.

3.1. A controvérsia Ariana

“De todas as discussões, o arianismo foi o movimento cristológico que mais angariou adeptos em suas fileiras; um dia, ‘o mundo amanheceu ariano’”.²⁶

Apesar da sugestão de Bogaz de que o arianismo tenha aparecido repentinamente, outros escritos afirmam que a teologia de Ário e a controvérsia ariana são fruto do desenvolvimento doutrinal, cujas raízes se encontram nas exegeses bíblicas iniciadas pelos gnósticos eivados do esforço em compreender a pessoa de Jesus. “Para Ário, ninguém é consubstancial (*homoousios*) ao Pai. O Pai é sem princípio (*anarchos*), ao passo que o Filho tem seu princípio no Pai e, por conseguinte, o Filho é inferior ao Pai.”²⁷

Atanásio apresenta de forma sintética o conceito de Ário:

Ário, presbítero de uma importante igreja alexandrina, concluiu, dos ensinamentos de Orígenes, uma doutrina que se pode sintetizar nestas três frases: “O Verbo não é eterno nem tem a mesma natureza do Pai. Foi criado no tempo por Deus Pai. Só por metáfora é que lhe chamamos Filho de Deus”. Ário e seus discípulos separaram, assim, o filho do Pai. Afirmam que o Filho não existia antes de ter sido gerado. Se houve, portanto, um tempo em que ele não existia, ele não é coeterno ao Pai. Ele, o filho, é a primeira e a mais sublime das criaturas, uma espécie de “segundo deus” (*déutero theós*) mas é alheio ao Pai quanto à essência, como a vinha ao vinhateiro ou o navio ao construtor.²⁸

Atanásio foi responsável pela argumentação contra Ário quando do Concílio de Nicéia. Embora diácono (a princípio só os bispos poderiam discursar), sua desenvoltura e sapiência nas discussões teológicas e seu conhecimento profundo das Escrituras foram fundamentais para a definição da fórmula do Credo que afirma a consubstancialidade do Filho com o Pai e para que essa fosse aceita. As consequências do Arianismo para a fé cristã eram muito graves, afetando o dogma da Redenção: se Cristo não fosse o Verbo encarnado e, portanto, verdadeiro Deus, a Redenção não se teria consumado.²⁹

Se esse pensamento teológico não começou de repente, tampouco se dissipou facilmente. Apenas para estabelecer datação, um dos registros iniciais é de que em 318 d.C, um sínodo regional com a presença de quase uma centena de bispos egípcios e líbios concluíram ser Ário e seus apoiadores como

²⁶ BOGAZ, A. S., et al., Patrística, p. 104.

²⁷ POSE, E. R., Arianismo, p. 93-96.

²⁸ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, Introdução, 1.

²⁹ VERDETE, C., História da Igreja, p. 65.

heréticos, excomungando-os. Esta seria apenas uma batalha vencida, já que Ário não aceitou a excomunhão e conseguiu apoio no Oriente, inclusive de dois bispos: Eusébio de Cesareia e Eusébio de Nicomédia.

Preocupado em unificar o Império, não sem antes unificar a Igreja, Constantino convoca, o I Concílio Ecumênico em Nicéia, com o consentimento do Papa Silvestre I. No entanto, apesar de uma nova derrota para Ário,³⁰ agora em uma esfera universal, o pensamento ariano não foi dissipado e continuava a ameaçar a unidade. Sinal desse risco, o cenário político e de poder faz com que, no ano de 339, Eusébio de Nicomédia, ariano confesso e apoiador de Ário, é feito bispo de Constantinopla.

O Arianismo só chegaria ao seu fim quando Teodósio I, assumidamente católico, assume o Império em 379 e convoca em 381 o Concílio Ecumênico de Constantinopla, segundo concílio de caráter ecumênico. Dentre as definições: a condenação final do arianismo e a consolidação da teologia trinitária, fixando o que hoje conhecemos por “Símbolo niceno-constantinopolitano”.

3.2. Os escritos anti-arianos de Vitorino

A composição do conjunto de epístolas *Opus ad Candidum* acontece no seguinte contexto: o imperador Constancio (357) aprovou em Sirmio,³¹ uma fórmula que havia sido condenada pelos nicenos como ‘blasfêmia’: justificava o arianismo e condenava a consubstancialidade pois seria ilegítimo utilizar o termo ‘substância’ por ser estranho às Escrituras. Além disso, ninguém poderia explicar a geração do Filho. No mesmo período crescia a corrente que afirmava que o Filho era ‘diferente em substância’.

Importa situar no tempo que a conversão de Mario Vitorino, embora não ser possível precisar uma data, aconteceu entre 254 e 358 d.C. Ou seja,

³⁰ Consta, do Concílio, não apenas o texto do Símbolo Niceno, mas também a sentença que exprime anátema: “Aqueles, porém, que dizem: “Houve um tempo em que não era” e: “Antes que nascesse não era”, e que foi feito do que não era, ou que dizem ser de outra substância ou essência, ou que Deus é mutável ou alterável, a eles anatematiza a Igreja católica. (DH 50-52). Carta sinodal aos egípcios, segundo ATANÁSIO DE ALEXANDRIA Cap. 1, n. 2: Antes de tudo, pois, foi examinado o que diz respeito à impiedade e ao delito de Ário e dos seus seguidores, (...) e unanimemente decidimos anatematizar a sua ímpia doutrina e as expressões blasfemas que empregava em suas blasfêmias ao dizer que o Filho de Deus veio do nada e que havia um tempo em que não era; e ao dizer que o Filho de Deus por sua livre vontade era capaz do mal e da virtude, e ao chamá-lo de criatura e produto; tudo isso, o santo Sínodo anatematizou, não suportando sequer ouvir a ímpia doutrina ou desvario, nem as palavras blasfemas. (DH 130).

³¹ Atual Sremska Mitrovica, na Sérvia. Era uma cidade da antiga província romana da Panônia.

considerando que a primeira firme tentativa de neutralizar essa controvérsia se deu no Concílio de Nicéia (325) e, em 357, volta a tomar uma proporção preocupante, não é sem lógica considerar haver motivação suficiente para que um retórico neo-convertido se dispusesse a juntar forças em defesa da doutrina ortodoxa que acabara de assumir.

Simonetti nos ajuda a compreender a sequência lógica das obras de Vitorino:³² iniciando pela troca argumentativa que faz com Candido, este apresenta a doutrina ariana com base em temas e processos de tipo neoplatônico e Vitorino responde-lhe apresentando a doutrina católica na mesma base. Candido rebate apoiando-se em textos de Ário e Eusébio de Nicomédia, quando então Vitorino responderá já no escrito *Adversus Arrium*, abordando outros pontos. Simonetti reforça a questão de que Candido seria um personagem fictício pois deste ponto em diante os textos já não mais o terão como interlocução. Os demais livros deste último escrito se prestarão mais à defesa do *homoousios*.

É possível elucidar o caráter dialético (que inclusive reforça a presunção de que Candido seria fictício e propositalmente criado para esta finalidade) estabelecido entre Vitorino e Candido com trechos das obras *Candidi Arriani ad Marium Victorinum Rhetorem de Generatione Divina* e *Marii Vitorini Rhetoris Urbis Romae ad Candidum Arrianum*, conforme trechos mais adiante.

A concepção de Ário em afirmar que só o Pai é não-gerado e sem princípio enquanto que em relação a ele, o Filho havia sido criado antes do tempo e, portanto, lhe era inferior e não divino como o Pai. Esse conceito é apresentado na carta de Candido:

Omnis generatio, o mi dulcis senectus Victorine, mutatio quaedam est. Immutabile est autem omne divinum, scilicet Deus. Deus autem qui pater est in omnibus, et omnium prima causa est. Si igitur Deus, inversibile et immutabile: quod autem inversibile et immutabile, neque genitum est neque generat aliquid. Si igitur hoc sic se habet, inginitus est Deus.

Toda geração, ó meu doce senil Vitorino, é uma espécie de mudança. É imutável tudo que é divino, a saber, Deus. Mas, o Deus que é o Pai em todas as coisas e a causa primeira de tudo. Se, portanto, Deus é irreversível e imutável, o que é irreversível e imutável não é gerado nem gera nada. Se, portanto, é assim, Deus é ingerado.³³

³² SIMONETTI, M., Mario Vitorino, p. 891-892.

³³ MIGNE, J. P., Tomus VIII, 1013C (tradução nossa).

Candido nega a geração da Palavra divina ao afirmar que tudo o que é divino é imutável; portanto, se Deus é imutável não é gerado nem gera algo. Se, então, for esse o caso, Deus não é gerado.

Em resposta, Vitorino faz uma longa reflexão filosófica, dissecando uma série de ponderações a respeito da criação, da origem de tudo e no item XV da carta a Candido ressaltará ser Deus a origem, de quem todas as coisas vem, por quem e em quem: “*Ipse est, inquam, a quo sunt omnia quae sunt, et per quem, et in quo.*”³⁴

Antes, no entanto, e no que parece ser uma demonstração de “proximidade”, até mesmo liberdade no diálogo, iniciará a carta em tom provocativo: “Quem enfeitiçou sua grande inteligência, ó nobre Candido?” e iniciará sua reflexão sobre Deus e Sua relação com Cristo fundamentando a partir de trechos das Sagradas Escrituras, novamente em tom afrontoso:

Sed quoniam de divina generatione scribis tam audenter: et nos tibi primo quidem de scripturis ostendemus, filii Domini Jesu Christi generationem aeternam. An scripturas quas legimus, vanas opinaris? Si ut nomine, sic et re Christianus est quispiam; necesse habet venerari scripturas, inclamantes Dominum Jesum Christum. Si igitur necesse tibi est scripturas recipere; est et necessarium ea quae in ipsis de Christo dicuntur, sic quemadmodum dicuntur, accipias et credas. Dicunt autem Jesum Christum Filium Dei esse unigenitum, ut dicit David propheta: Filius meus es tu, ego hodie genui te (Psal. II, 7). Et Paulus Apostolus: Quia ipse proprio suo filio non pepercit (Rom. VIII, 32). Et rursus: Benedictus Deus et pater Domini nostri Jesu Christi (Ephes. I, 3). Deinde et ipse Jesus Christus frequenter dicit: Ego et pater unum sumus (Joan. X, 30). Et: Qui videt me, videt et patrem meum (Joan. XIV, 9). Et: Ego in patre, et pater in me est (Ibid. 10, 11).

Mas, já que você escreve com tanta ousadia sobre a geração divina, antes de tudo mostraremos a geração eterna pelas Escrituras, do Filho Senhor, Jesus Cristo. Você acha que as Escrituras que lemos são inúteis? Se, como no nome, também de fato é um cristão, é preciso venerar as Escrituras, aclamando o Senhor Jesus Cristo. Se, portanto, é necessário que você receba as Escrituras, também é necessário o que é dito nelas sobre Cristo, assim como eles são ditos, aceite e acredite. Dizem que Jesus Cristo é o Filho unigênito de Deus, como diz o profeta Davi: “Tu és meu Filho, hoje te gerei” (Sl 2,7). E o Apóstolo Paulo: “Porque não poupou seu próprio Filho” (Rm 8,32). E, novamente: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 1,3). Depois, o próprio Jesus Cristo frequentemente diz: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). E: “Quem me vê, vê o meu Pai” (Jo 14,9). E: “eu estou no Pai, e o Pai está em mim” (Ibid. 10,11).³⁵

³⁴ MIGNE, J. P., Tomus VIII, 1028C.

³⁵ MIGNE, J. P., Tomus VIII, 1020C (tradução nossa).

Em síntese, seja dentre as conceituações presentes nestes primeiros escritos e também nos que seguem (os livros “contra Ário”), sua reflexão apresentará de forma estrutural (sobretudo exegetica) que somente o consubstancial pode justificar as afirmações da Escritura a respeito do Filho, que o Logos é o Filho de Deus e este seria o próprio Cristo. Assim ratificam Moreschini e Tommasi,

Nelle epistole paoline, invece, Vittorino trova l'insegnamento secondo cui le tre ipostasi sono Spirito, e quindi consustanziali, ma ciascuna con un suo proprio atto, che garantisce la loro distinzione. L'uso, che si riscontra in Fil 2,6 e Col 1,15-20, dei termini 'immagine' e 'forma' costituisce lo spunto per una lunga discussione sul fatto che i nomi dati a Cristo nella Scrittura implicano la consustanzialità con il Padre.

Nas epístolas paulinas, no entanto, Vitorino encontra o ensinamento de que as três hipóteses são Espírito e, portanto, consubstanciais, mas cada um com seu ato próprio, o que garante sua distinção. O uso dos termos ‘imagem’ e ‘forma’, que se encontram em Fl 2,6 e Col 1,15-20, constitui o ponto de partida para uma longa discussão sobre o fato de que os nomes dados a Cristo nas Escrituras implicam consubstancialidade com o Pai.³⁶

Esta série de quatro livros abordará não apenas a questão da substância do Pai e do Filho, mas Vitorino também afirma que, ao falar do Pai ou do Filho, a Trindade está sempre implícita. Vê-se, com isso, que sua contribuição se dará também no âmbito da discussão sobre o conceito de Trindade.

Conclusão

O nome de Mario Vitorino talvez devesse ser mais bem lembrado pelos renomados autores que registram a história eclesial. Seja pela influência verificada na vida dos conhecidos Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho, mas também nos muitos escritos de caráter apologético e missionário. Destaca-se, sobretudo, no registro testemunhal de sua conversão, regenerado pelo valor eterno e eficaz da Palavra de Deus (1Pe 1,23),³⁷ sempre viva e contagiante: o fato de que este homem em idade avançada e vivência expressiva se dobra à difícil decisão (no tempo em que viveu) de professar a fé cristã.

³⁶ MORESCHINI, C., TOMMASI, C. O., p. 92 (tradução nossa).

Reflexo desta conversão pautada na beleza e vitalidade das Sagradas Escrituras pode ser verificado nas palavras iniciais do texto *De Verbis Scripturae: Factum Est Vespere Et Mane Dies Unus. Coeperitne A Vespera Dies, An A Matutino* ainda que não se tenha certeza que possa ser a Vitorino atribuído (nossa tradução): “Se as escrituras divinas fossem simplesmente lidas, a leitura de qualquer capítulo nunca seria erroneamente compreendida por ninguém”. A narrativa de Simpliciano exposta no subitem 3.1 é clara e dá ênfase necessária para compreender que, no seu tempo, a Palavra germinou no coração daquele que teve tanto zelo pelas Escrituras.

É necessário, para finalizar, um retorno à exposição feita na introdução deste trabalho, quando elencados os quatro critérios da Patrologia ao atribuir o nome de ‘Padres da Igreja’.

Considerando o período após sua conversão à fé cristã, um intervalo impreciso, mas em torno de 7 anos (356-363 d.C), temos: quanto à ortodoxia doutrinária, parece atender com a escrita de seus textos “contra Ário” no campo doutrinário, em defesa do que a Igreja declarava ser sua posição; sobre santidade de vida, pode-se positivamente pautar a avaliação em ver Simpliciano, então bispo de Milão, referenciá-lo como exemplo a Agostinho; neste terceiro critério, do reconhecimento por parte da Igreja, mesmo que indireto, a escassez de documentos prejudica, mas não se pode ignorar que Jerônimo e Agostinho o citam em seus escritos; e, a indubitável antiguidade. Verifica-se, portanto, alinhamento de Vitorino a tais critérios. Destarte, resulta a reflexão sobre a carência de uma maior exploração biográfica em fontes primárias deste personagem que se posiciona no rol dos que, em maior ou menor destaque, se aplicaram nos campos da apologética e dogmática.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística, 10).

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. **Contra os pagãos. A encarnação do verbo. Apologia ao imperador Constâncio. Apologia de sua fuga. Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística, 18).

BENTO XVI, PP. Audiência geral, quarta-feira, 30 de maio 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070530.html. Acesso em: 14 nov. 2021.



BOGAZ, A. S. et al. **Patrística: Caminhos da Tradição Cristã**. Textos, contextos e espiritualidade da tradição dos padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulus, 2011.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Loyola, 2006.

DROBNER, H. R. **Manual de Patrologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

MACIEL, S. F. Cultos de mistérios no protrético de Clemente de Alexandria. **Mare Nostrum**, v.12, n.1, p. 221-244, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/174295/169836>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

MORESCHINI, C.; TOMMASI, C. O. **Mario Vittorino: Opere Teologiche**. Novara: Edizione Utet, 2013.

PADOVESE, L. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2015.

POSE, E. R. Arianismo. In: Silanes, N; Pikaza, X. (Dir.) **Dicionário Teológico: o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 93-96.

SIMONETTI, M. Mario Vitorino. In: DI BERARDINO, A. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Rio de Janeiro: Vozes; Paulus, 2002. p. 891-892.

MIGNE, J. P. **Patrologiae Cursus Completus**. Paris: Ecclesiasticae Ramos Editore, 1844.

VERDETE, C. **História da Igreja: Das Origens Até ao Cisma do Oriente (1054)**. Portugal, Lisboa: Paulus, 2014.v.I.

Márcio Feliciano Simões

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Caetano do Sul / SP – Brasil
E-mail: simoes.marcio@gmail.com

Recebido em: 15/06/22

Aprovado em: 28/10/22